

## A GRANDE DISTÂNCIA ENTRE OS DISCURSOS TEÓRICOS E REALIDADE DA EDUCAÇÃO CAMPESINA

ALEXANDRA CARVALHO FERREIRA<sup>1</sup>

VIVIANE CASTRO CAMOZZATO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> UERGS *ale\_buenofer@hotmail.com*

<sup>2</sup> UERGS *vicamozzato@gmail.com*

Pensando na precariedade que se encontra a educação no Brasil atualmente e as novas demandas da sociedade busco através desse trabalho a reflexão sobre a relevância do currículo na construção da aprendizagem e a interferência das vivências docentes na sua efetivação. Tendo em vista a dificuldade de articular o currículo padronizado com a realidade dos discentes e as vivências docentes pretendo fazer uma análise de que maneiras seria possível tecer uma rede de relações entre essa base curricular que serve de referência, a cultura na qual os discentes da escola campesina estão inseridos e as vivências dos docentes, seja buscando o fortalecimento da identidade campesina desses alunos, seja resgatando os valores culturais típicos do povo do campo, ou ainda mantendo uma constância de práticas incentivatórias e conscientizadoras em relação a viabilidade da continuidade da formação desses alunos. O presente trabalho surgiu a partir de inquietações durante o período que exerci a docência em uma escola localizada no campo.

Faço uma breve contextualização da minha realidade e da situação atual da escola na qual exerci a docência durante cinco anos: trata-se de uma escola localizada no interior da cidade de Pinheiro Machado, sul do RS. A comunidade discente é considerada em sua maioria como itinerante, já que os alunos acompanham os pais que trabalham nas propriedades próximas à escola e mudam-se constantemente em função desacordos trabalhistas. Atualmente a ausência de clientela aponta a extinção da escola como única alternativa. Saliento que resido no interior do respectivo município a aproximadamente 11 km da escola e vivencio as dificuldades e preconceitos enfrentados pela população campesina.

Alguns desafios e problemáticas vivenciados nessa circunstância me levaram a indagar como é possível efetivar um currículo gestado de forma uniforme e

reproduzido para a maioria do país, que parte da utopia de turmas homogêneas, de alunos que ingressam na escola preparados para essa etapa (que não é a realidade do campo) e ainda assim contemplar as especificidades locais mantendo o interesse e motivação dos educandos. Busquei a conexão de algumas reflexões que viessem a contribuir para a compreensão de possibilidades que levem a educação básica ministrada na escola campesina a auxiliar na construção de cidadãos preparados para darem continuidade à população do campo.

Assim como na maioria dos segmentos, na educação, os discursos teóricos passam muito longe da prática: no discurso encontramos a necessidade de disponibilizar aperfeiçoamento à população do campo dando condições de vida digna para esses cidadãos assumirem sua participação na sociedade; na prática as escolas campesinas são fechadas pelos municípios devido às despesas muito altas para atender um número pequeno de alunos, na realidade pesquisada em momento algum é feito a reflexão e busca por soluções alternativas. Apesar da dependência da população urbana da rural “O camponês brasileiro foi estereotipado como o fraco e o atrasado” (ARROYO, 1999, p.46) e esta concepção está tão enraizada que a maioria dos docentes atua de maneira diferenciada na escola do campo, sem comprometimento ou inovação, acarretando um dos grandes problemas na educação ministrada nas escolas do campo. A grande maioria dos professores são oriundos das cidades, imersos na cultura urbana e tecnológica, são alienados em relação às especificidades de seus alunos, buscam lecionar na “escola de letrinhas” porque trazem em sua concepção que não é preciso dedicação nem muito esforço já que para trabalhar com a enxada não é preciso mais do que saber ler e escrever. Esses educadores simplesmente ignoram a trajetória de vida de seus alunos guiando suas práticas pedagógicas como o fariam na cidade, sem nenhuma distinção ou que dirá embasamento teórico para estarem ali. Como foi citado anteriormente esses sujeitos já vem impregnados de cultura, com aprendizagens que iniciaram desde o momento do nascimento e essa postura acarreta frustração entre os discentes que passam a sentirem-se estranhos em sua natureza e começam a buscar novas identidades. Às vezes involuntariamente é construída a superioridade da cidade sobre o campo, o que ocasiona falta de perspectivas dos alunos e por consequência desmotivação nos estudos. Freire (1996), o primeiro passo para uma boa formação do docente é a consciência de que ensinar não é transmitir conhecimento, mas construir possibilidades para a sua produção ou construção.

Os alunos estão desaparecendo e os poucos que concluem o ensino fundamental abandonam o campo e elevam as taxas de êxodo rural. Estes são sujeitos que, em sua maioria, não tem perspectivas para o futuro e nem pretensão de retornar ao campo. SILVA (2011), nos justifica que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” e na contemporaneidade o modismo é ser “urbano”.

Refletindo com as palavras de Fernandes (2008) ... o nosso sistema escolar é urbano, apenas pensado no paradigma urbano, desde os livros, os textos, passando pela docência e indo até o currículo. Há uma idealização da cidade como o espaço civilizatório por excelência, de convívio, sociabilidade e socialização, da expressão da dinâmica política, cultural e educativa. A essa idealização da cidade corresponde uma visão negativa do campo como lugar do atraso, do tradicionalismo cultural, mas esse resgate cultural pode ser um dos caminhos para uma adaptação curricular penso que um docente mais preparado seria capaz de articular o currículo nacional, respeitando as necessidades e especificidades dos alunos de cada localidade, mostrando as possibilidades para o futuro e principalmente auxiliando na construção de uma identidade campesina igualmente valorizada na sociedade.

Por tudo isso finalizo a escrita afirmando que a concepção de atrasado e retrógrado se arrasta junto à educação do campo desde seu surgimento. A presente pesquisa iniciou buscando uma reflexão de como seria possível articular as propostas curriculares já existentes e as vivências que os docentes trazem consigo e ainda assim contemplar as diversidades culturais da realidade em que fora designado, buscando novas possibilidade de fazer essa articulação das realidades rurais. Acredito que uma das possibilidades mais viáveis a curto prazo que aproximaria a realidade do discurso que recomenda “professores preparados” o respectivo exercício da docência seria uma mudança metodológica que tornasse a docência nessa instituição mais significativa, mas ressalto que para isso é necessário iniciar uma proposta de construção de respeito às especificidades e até mesmo tolerância em relação as dificuldades enfrentadas pelos discentes. Sugerir alteração na metodologia não significa desconstruir tudo o que há e sim buscar articulação constante entre os conhecimentos e conscientizar os alunos sobre as possibilidades de continuação nos estudos e o quanto isso seria vantajoso para eles. Outra intervenção possível seria viabilizar momentos de leitura e reflexão visando a compreensão dos fatores que contribuíram para as práticas existentes e lançando uma busca incansável por possibilidades que viabilizem a superação da realidade escolar que temos atualmente. Fazendo uso das

palavras de Caldart que explica a importância do direito à educação no campo, onde tem sua residência e do campo, trazendo saberes específicos de suas realidades, ressaltando nas minhas considerações finais a importância de uma educação no e do campo, contemplada nas políticas públicas, efetivada por profissionais formados adequadamente e talvez no futuro com currículo adequado para obtermos no final cidadãos autônomos e respeito à diversidade.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e medidas da Ruralidade no desenvolvimento Contemporâneo  
[http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0702.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0702.pdf) acesso em 03/10/2014
- ARROYO, M. & FERNANDES, B. M. *A educação básica e o movimento social do campo* – Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por uma Educação Básica do Campo, nº 2.  
acesso em 08/07/15 21:47h
- CALDART, Roseli “Por uma educação do campo: traços de uma identidade”, 2002.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- FERNANDES, Bernardo Mançano A questão agrária no Brasil hoje: Subsídios para pensar a educação do campo, 2008
- FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto Educação Do Campo: Um Olhar Histórico, uma Realidade Concreta
- PALUDO, Conceição. Campo e cidade em busca de caminhos comuns. Pelotas, UFPel, 2014
- RAYMOND, Williams O campo e a cidade: na história e na literatura / Raymond Williams tradução Paulo Henriques Britto. — São Paulo
- Reportagem: Mais de 4 mil escolas do campo fecham suas portas em 2014  
<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543929-mais-de-4-mil-escolas-do-campo-fecham-suas-portas-em-2014> acesso em 08/07/15, 21:15 h
- [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622007000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000200004)  
acesso em 08/07/15 21:34h
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DONATO, Sueli Pereira A docência contemporânea: entre saberes docentes e práticas [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/192\\_353.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/192_353.pdf)